



A “equação patriarcal”, a intolerância e a cura

Alberto C. Cabral

Traducción: Sirlei Reginato

A dupla pandemia-quarentena, com a sua imposição de um resguardo obrigatório do círculo íntimo com o qual se convive, configura uma conjuntura pouco amigável às Otriedades. As nossas circunstâncias parecem sulcadas pela exacerbação da intolerância, da desconfiança e -no extremo- formas variadas de violência sobre os múltiplos semblantes da alteridade.

O assassinato de cidadãos afrodescendentes indefesos nos EUA, seguidos da repressão brutal com que se tentou silenciar os protestos; os episódios similares vividos no Brasil; o desaparecimento -na Argentina- de Facundo Astudillo e os vários assassinatos de jovens nas dependências policiais que integram a assim chamada “população vulnerável” (vulnerável... ao gatilho fácil), constituem algumas das expressões mais notórias deste fenômeno. Também o são a multiplicação das denúncias de violência de gênero informadas neste lapso pelas ONGs e pelos órgãos governamentais dos nossos países.

Por outro lado, o incêndio do carro de um enfermeiro, as ameaças dirigidas a um médico infectologista por parte do condomínio do seu edifício, o escracho intimidante sofrido pela funcionária da limpeza de um hospital da grande Buenos Aires, inscrevem-se na mesma tendência e desnudam a outra face sinistra do aplauso que no início da quarentena era tributado aos profissionais da saúde desde as sacadas dos prédios.

Constituem emergentes de distinta envergadura, que parecem referendar a sentença de P. Valery: “A intolerância, dessa terrível virtude dos tempos puros”. Valery a pronunciou no seu discurso de homenagem a Goethe na Sorbonne, em 1932. Após um ano da vitória eleitoral de Hitler, já pairava na Alemanha uma exigência de pureza que não ia demorar para que se assanhassem com judeus, ciganos e comunistas. Uma exigência de pureza que, nos tempos do Covid-19, vemos se manifestar nos nossos consultórios na exacerbação (às vezes até o ridículo) de rituais de cuidado e prevenção em alguns pacientes obsessivos: constituem a expressão singular de comportamentos (anti) sociais como os que mencionamos no início.

Trata-se, em todos estes casos, da intensificação da intolerância dirigida aos depositários de uma Otriedad que torna mais visível a sua condição *Unheimlich*: nos rostos do vírus e dos seus potenciais transmissores, os judeus ou os comunistas na Alemanha nazista, os negros nos EUA e no Brasil, os “cabecitas”¹ na Argentina. As cruzadas contra a insalubridade ou a impureza (racial, ideológica) ativadas por uma conjuntura estranha que se torna ameaçante, exacerbam um gozo da exclusão que -com racionalizações diversas- se assanha sobre objetos cuja eliminação alimenta a ilusão de um retorno aos “tempos puros”.



O registro destas expressões nuas e cruas de intolerância costuma promover -alguns comentários de colegas na *Red Caliban* são um bom exemplo- um efeito de decepção e desencanto em relação à integridade ética das nossas comunidades. É que não supúnhamos que com tanta facilidade “Se você arranhar um russo aparece o tártaro sob a pele”.

Entretanto, de outra perspectiva... são observações que permitem constatar que os nossos congêneres, como dizia Freud, não caíram - na verdade- tão baixo, porque na realidade nunca estiveram tão alto como imaginávamos. As reações que nos preocupam e que rechaçamos estão longe de serem “regressões” a estágios de barbárie e selvageria. Constituem, ao contrário, testemunhos da precariedade estrutural da moralidade do neurótico, assentada na repressão e -por isso mesmo- exposta aos retornos do seu terceiro tempo. Dão conta, então, dos avatares próprios da “hipocrisia cultural”.

Umberto Eco denominou “intolerância espontânea” ao registro que confere “um caráter desagradável à experiência *do diferente*”: *da Otredad*, em termos de nosso Conversatório. E continua: “A intolerância mais perigosa é sempre a que nasce de impulsos elementares, à margem de toda doutrina, e eis aí a dificuldade para isolá-la e refutá-la com a ajuda de argumentos racionais”. Uma observação que podemos corroborar: convencer a um antisemita recalcitrante da necessidade dos seus fundamentos é uma tarefa impossível.

Mas: é “espontânea” a “intolerância espontânea”? Minha impressão é que Freud nos deixou uma orientação que destaca os seus fundamentos neuróticos e -portanto- sobre o seu caráter de construção sintomática. É uma distinção crucial: permite retificar o efeito de “naturalização” que promove a suposta “espontaneidade” atribuída à intolerância.

¹ Termo pejorativo usado para referir-se aos moradores das favelas.

Ao abordar o “tabu da virgindade” e os múltiplos preceitos de evitação que abrange, Freud os reconduz ao “horror” e a “desautorização” próprios do posicionamento neurótico diante da mulher. Um “horror” -diz- que se funda em que “ela é *diferente do homem*, eternamente *incompreensível e misteriosa, alheia* e por isso *hostil*”.

Reagrupemos os termos do que agora chamarei (parafrazeando sua conhecida “equação simbólica”) a “equação patriarcal” freudiana. É evidente que a condição diferente, alheia e por isso hostil atribuída à mulher, a situa -na reflexão freudiana- como um operador teórico da diferença. Isto é, na referência privilegiada com que tentou enfrentar os desafios teórico-clínicos que a categoria de “diferença” propõe para a nossa prática: no terreno das posições sexuadas... e também no político-ideológico.

Aqui nos referimos a algumas das atribulações as quais estamos expostos na clínica nesta época de intolerâncias exacerbadas. Como mantém a sua condição de analista, um praticante que se identifica com o atual governo, diante do discurso virulentamente opositor de um analisante macrista?² E ao contrário: como mantém a sua condição de analista um profissional que se reconhece opositor, e que colhe de seu analisante um discurso de respaldo fechado e beligerante às políticas do atual governo?



Considero que a adscrição político-ideológica de cada um é o resultado de uma equação pessoal da qual participam múltiplos fatores. Alguns deles são potencialmente acessíveis ao trabalho analítico: é o caso de múltiplas identificações e transferências acumuladas na própria história, como também de prestígio íntimo de relatos que permitiram enquadrar simbolicamente acontecimentos da própria vida e dos ancestrais. São dimensões que podem “entrar na conversação” na cura, na medida em que o analista possa se tornar porta-voz do mal-estar subjetivo que promovem... e que a sua formação lhe permita resignar a condição de porta-voz das próprias identificações que poderiam impulsioná-lo a recrutar o seu analisante para “a boa causa”.

Mas -como em toda escolha- além disso, devemos incluir uma dimensão de *gosto*: a-conceitual, singular e intransferível. É o ponto onde encalha toda discussão política levada ao extremo: revela, então, um lado tão absurdo como

² Simpatizante do ex-presidente Macri.

a tentativa de convencer um fã do *Malbec* das virtudes sublimes de um *Cabernet*. É, também, o ponto em que deixa a sua marca essa “insondável decisão do ser” (Lacan), na qual jaz toda escolha. E que faz dela uma opção inapreensível de desejo: como tal, merece -na cura- um alojamento respeitoso, que a coloque ao abrigo do forçamento do Outro.

Para o analista, então -e isto faz parte da *epojé* (suspensão do juízo) que particulariza a sua posição- não há ideologias a priori “saudáveis” ou “patológicas”, que fariam de algumas delas um objeto obrigado de trabalho analítico. Aquilo que sim é objeto da nossa incumbência, é a posição subjetiva particular da qual o analisante, em alguns casos, mantém as suas adscrições.

Ocorre que os valores e os conteúdos que dão consistência a uma ideologia, estão sempre expostos a um deslize fundamentalista. É que o ideal, pelo seu *duplo caráter* de promotor não só da repressão, senão também dos retornos do gozo que incentiva no seu terceiro tempo... é portador do que chamaremos um *potencial fundamentalista*, que pode tracioná-lo – no extremo- à órbita do superego. Tanto mais, quanto que a *Zeitgeist* (“o espírito da época”) incita esse deslize.

Tentaremos estabelecer a *senda lógica* que o mantém. É que toda lei -ainda a mais justa- está exposta ao risco de cometer deslize, no nível do seu enunciado, desde a *afirmação de um universal* (por exemplo: *todos* os argentinos devem professar os ideais democráticos)... para a *negação da existência do particular* que o contradiz! (*Não pode existir um argentino* que não os professe). E todos sabemos que na brecha entre um e outro enunciado... o imperativo superegógico de pureza pode alojar trinta mil desaparecidos.

Minha experiência, também, é que além da sua abordagem específica, as manifestações ideológicas de intolerância habitualmente se beneficiam dos efeitos “por acréscimo” da cura. É aqui onde a intuição freudiana adquire todo seu valor, quando situa a sua “equação patriarcal” no campo da neurose. As elaborações e retificações de gozo que permite a cura, operam na direção de um esmerilhamento progressivo da equiparação neurótica: “diferente, alheia e *por isso* hostil”.



FRONTERAS
33º CONGRESO
LATINOAMERICANO
DE PSICOANÁLISIS

PRIMER CONGRESO
VIRTUAL FEPAL 2020

OCTUBRE
2020



Salientamos que o “por isso” lhe proporciona o caráter de uma implicação lógica, ao estilo de: *se* alheia, *então*, hostil. Desarticular a soldadura firme que o neurótico estabelece (e que nossos tempos reforçam) entre o diferente e o hostil é um efeito esperável da cura. E constitui um aporte não desdenhável (na perspectiva de caso por caso e os seus efeitos de ressonância) ao esforço compartilhado por “tornar mais salubre” o laço social contemporâneo.